

Uma nota sobre "A Cruz na Praça"

Clarival do Prado Valladares

É sobre os filmes experimentais de GLAUBER ROCHA que vamos comentar. Filmes que quando passam têm a tabuleta vermelha para muitos. O primeiro, "O PÁTIO", provocou tal reação do público que determinou sua retirada no segundo dia de projeção comercial, em Salvador. Teria sido reação do público ofendido? Certamente o foi. Mas, teria sido ofensa por ser imoral? Não, não o foi. Esse mesmo público está acostumado a ver e aplaudir o imoral e o obsceno e acontece que no filme de GLAUBER nem um nem outro se encontram. O repúdio foi motivado por ser o tema tratado intelectualmente, e não com a malícia e o atrativo habituais. Não só se despojou da qualidade de atração como se expressou numa linguagem de difícil entender. Exige inteligência, interessamento, tolerância. Faz-se no idioma do intelectual que se vinga do desprezo e da hostilidade do meio, criando a sua obra ao nível de comunicação, somente possível aos que ascendem. O propósito vingativo do autor é inequívoco como o é também o seu resultado na forma do repúdio. O que interessa deixar claro é a natureza da ofensa que, obviamente, não é aquela da queixa, mas apenas a dificuldade que estabelece para ser compreendido e aceito. Aqui repetiremos sumariamente nossa opinião que ficou expressa: "O PÁTIO" é a simbolização da reprodução, sob rígida

linguagem fílmica, expressando a ocorrência a qualquer nível da escala biológica, do homem à célula. É o "bios". O próprio autor fez o balanço do julgamento do público e com honestidade o relatou. Fêz então o seu segundo filme, igualmente experimental, "A CRUZ NA PRAÇA". Pior ainda. Transferiu sua objetiva do "bios" para o "pathos". Estudou duas faces da patologia do *eros* em toda sua força e desgraça. Assim como no primeiro, este filme não tem história, ou melhor, não tem roteiro discursivo. Surpreende um problema humano, expresso em vocábulos fílmicos e plásticos, até transferi-los para uma inequívoca simbolização. GLAUBER tomou as cenas do Cruzeiro de São Francisco, dos ornatos barrocos da nave, da escadaria da Igreja do Paço, das grades, das ruas e sobretudo da cruz. De uma cariátide obteve o símbolo do bem, de outra o do mal. Abel e Caim, por ventura. De uma a outra a objetiva vai e volta, em velocidade crescente, como um pêndulo, até que se transfere para a ocorrência humana. Esta se processa no movimento circular das duas figuras em torno do cruzeiro, exaustivamente, e por fim da própria câmara que girando faz a cruz flutuar e andar como um andor. Os sobrados do Terreiro de Jesus assumem fisionomia de gentes, em sua candura, indagação, condenação e cinismo. Dentro da nave a lente voeja como um morcego em busca dos detalhes que se transformam em símbolos. Serafins e querubins, anjos da primeira hierarquia em sua macia nudez, monstros das colunatas, caras de demônios de baixaza talhadas nas grades de jacarandá, ao rés-do-chão. Ventres protrusos, mamas de mamilos eretos, braços, pernas, nádegas e volutas. De novo a luz da praça e o reencontro das duas figuras nos degraus da imensa escada da Igreja do Paço. Súbita deflagração do mal, incontido, agredindo. Luta. Fuga. Perseguição. Grades. Pedras roliças de rua antiga. Casas de duas janelas, sobrados, fios e postes. Fuga, cariátides, anjos desnudos, ventres, peitos, volutas. A figura do jovem desvairado de dor correndo, correndo até encontrar a cruz da praça em torno da qual circula indefinidamente. E mais nada. Transpondo tais símbolos para uma linguagem diagnóstica, dois temas se situam nesse roteiro fílmico: a existência inexorável do bem o do mal projetada num episódio de homossexualidade. A revelação. O trauma. A mutilação. A fuga. A seqüência final da figura do jovem mutilado correndo sem parar, é simbolização do complexo de castração. Isto é, de todos aqueles para quem o sexo se revelou mediante sofrimento, dor, decepção e para sempre se condenaram. A figura gravitando, sem parar, em torno da cruz.

GR-CR. 02/002